

Claudio Santoro e Vinícius de Moraes

Foi em Paris, 1955: um acaso faz encontrar o então diplomata Vinícius de Moraes e o compositor Cláudio Santoro, recém-chegado de uma longa temporada na União Soviética. A afinidade foi imediata, inclusive na defesa do chamado socialismo científico (do qual morreram adeptos, cada um à sua maneira), circularam intensamente pela noite da Cidade-Luz; e dessa convivência surgiu um buquê de espantosas 13 canções de câmara, só concluídas por completo em 1959. Vinícius de Moraes me falou desse tempo na sede da então poderosa Livraria

José Olympio Editora, "tempo feliz, amigo", que pretende incluir em livro de crônicas e lembranças. O poeta chegou a pensar em uma décima-quarta parceria, mas se perdeu de Cláudio naquele momento de inspiração, infelizmente perdida duas semanas depois com os afazeres e sem saber por onde viajava o amigo. Conversei anos depois com o (não só) maestro sobre essas composições, que o emocionavam da mesma forma, chegamos a marcar por duas vezes hora e local para falarmos sobre elas e Vinícius de Moraes. Não foi possível, viagens minhas e ele nos

cortaram a oportunidade para sempre.

A única gravação integral delas consta na B&B Record's alemã, com o tenor catarinense Aldo Baldin (infelizmente falecido em Hamburgo há pouco) e a pianista Lillian Barreto, *Prelude und Lieder*, 1983. Aí está a íntegra de um encontro que resultou em "Amor que partiu", "Em algum lugar", "Jardim noturno", "Bem pior que a morte", "A mais dolorosa das histórias", "Alma perdida", "Ouve o silêncio", "Acalanto da rosa", "Balada da flor da terra", "Luar de meu bem", "Pregão da saudade",

"Cantiga de ausente" e "O amor em lágrimas". Lê-se agora em alguma coluna perdida que esse elepê foi lançado no Brasil em CD, mas não há indicação sequer por qual gravadora; e naturalmente não existirá comentário sobre a importância do tal empreendimento (perdoem-me colegas de imprensa, muitos recebem livros e CDs, fazem um registrinho apenas para continuarem ganhando no futuro). É claro que na televisão - máquina anticultural bruta por excelência, até porque as elites a querem assim - não veremos um clipe sobre o CD. Aldo Baldin tem

apenas um LP lançado entre nós, pela kuarup, 1987, feito na Alemanha, por nome *Serestas, Bachianas & Canções*, de Heitor Villa-Lobos; e em *Lieder* (1980) já gravara quatro das canções de Cláudio/Vinícius, ao lado de composição de Oswaldo Lacerda/Adelmar Tavares, Franz Schubert, Johannes Brahms, Richard Strauss, Francis Peulene e Joaquín Turina.

Seria interessante se fosse lançado em CD e *Prelúdios e canções de amor*, que a Coca-Cola fez para brinde há 10 anos atrás, com o pianista Gilson Peranzzeta, Oscar

Castro Neves, *Boca Livre*, *Quarteto em Cy*, Jacques Morelenbaum, Sizão Machado e Zé Nogueira, e artigo de Tom Jobim. Existem outras gravações esparsas, com Maria Lúcia Godoy e Elisete Cardoso, mas os tempos hoje são de xuxas, angélicas, alianas, anas-marias-bragas, sem falarmos no mauriçolas sambeiras de São Paulo e de falsos axé baianos - todo mundo eletronicamente imbecilizando o país. Cláudio Santoro e Vinícius de Moraes? Tolices.

DANÚBIO RODRIGUES

Especial para o JORNAL DE BRASÍLIA